

Para citar esse documento:

FERREIRA, Danilo dos Santos; FREIRE, Francisca Jocélia de Oliveira; OLIVEIRA, Lorena Conceição Moreira de. Ensino afrocentrado: uma proposta para estética negra na dança. *Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA*. Salvador: ANDA, 2019. p. 2023-2035.

Anda associação nacional de
pesquisadores em dança
www.portalanda.org.br

REALIZAÇÃO

Anda
associação nacional de
pesquisadores em dança



CO-ORGANIZAÇÃO

ppgdança
programa de pós graduação em dança da ufrj



PPGDAN
UFRJ

APOIO FINANCEIRO

CAPES

ENSINO AFROCENTRADO: UMA PROPOSTA PARA ESTÉTICA NEGRA NA DANÇA

Danilo dos Santos Ferreira (PRODAN-UFBA)ⁱ
Francisca Jocélia de Oliveira Freire (PRODAN-UFBA)ⁱⁱ
Lorena Conceição Moreira de Oliveira (PRODAN-UFBA)ⁱⁱⁱ

RESUMO: Este relato de experiência visa investigar o impacto de propostas investigadas no Mestrado Profissional/ PRODAN, em pesquisas desenvolvidas nos espaços formais de educação básica nas redes municipais de educação de Salvador, Nazaré das Farinhas e São Francisco do Conde. Serão analisados procedimentos educacionais para o tratamento de questões étnico-raciais no currículo escolar (GOMES,2011) a partir da Dança (STRAZZACAPPA e MORANDI,2006), bem como o impacto de propostas para o desenvolvimento de uma estética negra com uma perspectiva afrocentrada (NOGUERA,2010) para os alunos. No primeiro subtítulo “*Por um currículo afrocentrado e emancipatório*” trataremos sobre o Referencial Curricular Franciscano, ou seja, o currículo escolar da cidade de São Francisco do Conde, bem como todos os atos de currículo e “tessituras” do mesmo até aqui, faz-se necessário propor uma educação atrelada ao modelo de educação tradicional africana: baseado nos princípios da coletividade, do cuidado com o outro, dos saberes e conhecimentos plurais, na ideia de ancestralidade, alto nível de espiritualidade e envolvimento ético, harmonia com a natureza e unidade do ser. No segundo subtítulo “*Afrocentricidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental*” trataremos dos aspectos para que se desenvolva um ensino afrocentrado nas escolas, considerando que primeiramente é preciso descolonizar o pensamento, rejeitar a imposição de padrões eurocêntricos, e valorizar a história e cultura africana e afrobrasileira, por tantos anos subjugadas e ignoradas. No terceiro subtítulo “*Manifestações Culturais Brasileiras Como Instrumento Para Um Ensino Afrocentrado*” faremos um breve levantamento de como ocorreu a colonização do Brasil considerando os aspectos que marginalizou a cultura negra e a formação das manifestações culturais de matriz africana durante esse processo histórico, buscando entender a importância da educação afrocentrada como fundamental para (re) significar a história que foi escrita sobre o papel do negro no processo de formação do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Procedimentos Educacionais. Afrocentricidade. Estética Negra.

ABSTRACT: This experience report aims to investigate the impact of proposals investigated in the Professional Masters / PRODAN, in researches developed in the formal spaces of basic education in the municipal education networks of Salvador, Nazaré das Farinhas and São Francisco do Conde. Educational procedures for the treatment of ethno-racial issues in the school curriculum (GOMES, 2011) from Dance (STRAZZACAPPA and MORANDI, 2006), as well as the impact of proposals for the development of a black aesthetic with an afrocentric perspective (NOGUERA, 2010) for students. In the first subtitle "For an afrocentric and emancipatory curriculum" we will deal with the Franciscan Curricular Framework, that is, the school curriculum of the city of São Francisco do Conde, as well as all the curricular acts and "tessituras" of the same one so far, it is necessary to propose an education linked to the model of traditional African education: based on the principles of collectivity, caring for others,

2023

knowledge and plurality, on the idea of ancestry, a high level of spirituality and ethical involvement, harmony with nature and unity of being. In the second subtitle "Afrocentricity in the initial years of elementary school", we will deal with the aspects for the development of Afrocentric Education in schools, considering that it is first necessary to decolonize thinking, to reject the imposition of Eurocentric standards, and to value African and Afro-Brazilian history and culture, for so many years overwhelmed and ignored. In the third subtitle "Brazilian Cultural Manifestations as an Instrument for an Afrocentric Education", we briefly review how the colonization of Brazil took place considering the aspects that marginalized black culture and the formation of African cultural manifestations during this historical process, trying to understand the importance of Afrocentric education as fundamental to (re) signify the history that was written about the role of the Negro in the process of formation of Brazil.

KEYWORDS: Dance. Educational Procedures. Afrocentricity. Black Esthetics.

1 Referencial Curricular Franciscano

1.1 Por um currículo afrocentrado e emancipatório

Refletindo sobre o Referencial Curricular Franciscano, ou seja, o currículo escolar da cidade de São Francisco do Conde, bem como todos os atos de currículo e "tessituras" do mesmo até aqui, faz-se necessário propor uma educação atrelada ao modelo de educação tradicional africana: baseado nos princípios da coletividade, do cuidado com o outro, dos saberes e conhecimentos plurais, na ideia de ancestralidade, alto nível de espiritualidade e envolvimento ético, harmonia com a natureza e unidade do ser.

São Francisco do Conde é uma cidade que o território oscila entre região metropolitana de Salvador e Recôncavo Baiano de acordo com os interesses políticos e econômicos do Estado. O Município possui a população majoritariamente negra, um dos motivos para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira -UNILAB implantar o campus dos Malês entre 417 municípios da Bahia.

Com a chegada da UNILAB e conseqüentemente dos africanos vindos dos países de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Moçambique, a cidade foi confrontada em seus preconceitos e processos identitários, bem como seus conhecimentos sobre a África. Apesar de a população ser majoritariamente

2024

negra, o sentimento de pertença e reconhecimento enquanto negro era algo irrisório. Os munícipes, em sua maioria, chamavam os africanos de angolanos e achavam que a África era um país. Houve diversos ataques xenofóbicos e racistas como se os africanos fossem pobres, aidéticos e que não tomavam banho.

A culpa desse (des)conhecimento não é somente da mídia que manipula os fatos e imagens ao seu bel prazer, mas também da Escola que não faz do seu currículo e ensino, um ensino afrocentrado e emancipatório.

Diante dessas emergências é primordial outra educação para os afro-brasileiros, próxima da realidade dos africanos continentais e da diáspora. A importância de um modelo de educação tradicional africana está relacionada à necessidade de outra forma de educar que não seja excludente, distante, autoritária e alienante como a educação baseada no eurocentrismo.

Vejamos algumas formas de pensá-los e conformá-los às quais reagem os coletivos. Em suas ações às formas parciais, superficiais de sua classificação que ocultam os processos mais radicais de sua interiorização e segregação, como coletivos humanos. As categorias mais frequentes com que são vistos, sobretudo no pensamento sociopedagógico, têm sido: marginalizados, excluídos, desiguais, inconsciente. Formas de pensa-los e classifica-los que ocultam formas históricas mais abissais e sacrificiais de segrega-los (ARROYO, pg 40, 2014). (grifos do autor)

Em outros sujeitos, outras pedagogias, ARROYO (2014) fala da necessidade de pedagogias outras para esses sujeitos que são múltiplos, diversos em suas culturas, conhecimentos, experiências e escolhas. MACEDO (2013) afirma que é assim que currículos e processos formativos etnoimplicados vão se constituir em projetos que pode virar a página da tradição de se pensar-fazer-currículo-para-o-outro-sem-o-outro para se pensar-fazer-currículo-com-o-outro, intercriticamente.

Para fundamentar, respaldar e referenciar a ideia de currículo afrocentrado evocamos NOGUERA (2010). Logo no início Renato Nogueira dos Santos Júnior resume a essência do seu artigo com um provérbio Haussa “Enquanto não houver leões historiadores, a glória da caça irá sempre para o caçador. Forte essa verdade. Por muito tempo a história foi contada pelos caçadores, pelos colonizadores, pelos “descobridores civilizados”. Um texto reflexivo e provocativo sobre as questões que envolvem os fundamentos para uma educação afrocentrada.

A afrocentricidade é um pensamento, prática ou perspectiva que concebe o negro como sujeito e agente da sua própria história, epistemologias e futuro. É fundamental que em um currículo vivo, relacionado com o contexto, comunidade e alunos possam refletir acerca de quem somos. Pois é inadmissível que diante de tantas culturas, raças e etnias o currículo e as práticas educativas sejam baseadas em concepções eurocêntricas que violentam os alunos em vários aspectos, inclusive o estético.

Dessa forma o paradigma afrocêntrico pode ajudar a superar o eurocentrismo no sistema educacional brasileiro. A ideia de afrocentricidade surge em oposição ao eurocentrismo que legitima uma supremacia racial e ao mesmo tempo inferioriza a raça negra. Durante muito tempo os negros foram vistos como incapazes de produzir sua própria história. Vemos isso notoriamente nos livros didáticos e obras sobre o povo negro e África que eram contados por pessoas brancas, embora muitos autores e artistas negros tivessem as mesmas habilidades e competências ou maiores.

É notável que a Escola e a educação podem ser usadas como um aparelho ideológico do Estado, tendo em vista que a Escola é uma instituição social e um espaço de formação. Esse espaço formativo pode ser um lugar de reprodução de opressões e de uma educação diferente para os “colonizados”, “marginalizados”, pobres e pretos. Um lugar que almeje a permanência do *status quo*.

[...] nós possuímos um futuro a ser celebrado. Um futuro que nós construiremos, sobre as fundações de nossa própria experiência histórica. Não temos mais necessidade de imitar o nosso opressor, ou de pedir emprestadas as suas filosofias, teorias ou idéias. Chegou a hora em que os africanos podem substituir os sistemas de pensamento eurocêntricos pelos seus próprios” (NASCIMENTO, 1982, p.31).

O pensamento de Bell Hooks (2013), que dialoga com Paulo Freire, nos faz perceber que é necessária uma educação como prática da liberdade, uma educação que promova a emancipação do sujeito e da sua autonomia. Fomos ensinados a obedecer, fomos ensinados que o belo é o branco e o cabelo liso, que o berço da civilização é a Grécia e conseqüentemente a Europa. Ficou evidente que a ideia é que tudo fora desse contexto é atrasado e ruim.

Essa pedagogia e educação engajada devem estimular os educandos a romperem e transgredirem essas opressões e obstáculos que foram impostos sobre eles de maneira direta e indireta por meio, também, do racismo institucional. Faz-se necessário um novo modo de educar que faça dos africanos e diaspóricos agentes e sujeitos das suas próprias histórias e epistemologias.

A Prof. Dra Lenira Rengel, falou em uma de suas aulas que o primeiro lugar de emancipação é no corpo. Isso é muito forte. Porque muitas das formas as quais fomos subjugados, discriminados e usados foi por razão do nosso corpo. Precisamos falar de corpo na educação, principalmente do corpo como um todo integral, sem separação de corpo e mente. Falar de amor e de beleza negra, falar de corpos negros transgressores, desobedientes, empoderados e emancipados.

O nosso primeiro objetivo/conteúdo/prática enquanto educadores deve ser tornar os nossos alunos conscientes da realidade social que eles estão inseridos, provocá-los a serem cidadãos críticos e fazê-los acreditarem que eles podem ocupar o espaço que quiserem, mesmo a presidência da república. Obama disse: Sim, nós podemos!

2 Afrocentricidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental:

2.1 Conscientizando crianças a partir das estéticas do corpo negro

É necessário muito empenho para que se desenvolva um ensino afrocentrado nas escolas. Primeiramente é preciso descolonizar o pensamento, rejeitar a imposição de padrões eurocêtricos, e valorizar a história e cultura africana e afrobrasileira, por tantos anos subjugadas e ignoradas. Segundo NOGUERA, (2010) o ensino afrocentrado é “O que se traduz no campo da educação através da ênfase no ponto de vista que situa os povos africanos e a população afrodescendente como agentes e não coadjuvantes”.

Uma maneira que achei para trabalhar a afrocentricidade nas minhas aulas na Escola Municipal Comunitária da Histarte, em Salvador (BA), foi através das estéticas do corpo negro. Trazendo referenciais imagéticos afrocentrados, consigo

2027

contar às crianças a história que nunca foi contada, mostrar a existência de negras e negros bem sucedidos nos diversos setores da nossa sociedade, com imagens positivadas da negritude.

Um bom exemplo disso, são as imagens de bailarinas e bailarinos negros no balé clássico. O balé clássico está no imaginário da maioria das crianças como aquela bailarina magra, branca e lânguida, girando nas pontas dos pés. Quando as crianças vêem outras imagens, com bailarinas negras, com sapatilhas de ponta e meias na cor da pele negra, em suas variadas matizes, dançando balé, girando nas pontas dos pés; elas se reconhecem, se identificam, e aos poucos começam a valorizar a cultura e a história do seu povo, dos seus ancestrais.

Outra questão polêmica quando se fala em negritude, em estética do corpo negro, na escola, é o cabelo crespo. A aceitação do cabelo crespo por parte das crianças é um desafio grande a ser percorrido e superado pois “o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade” (GOMES,2019).

Elucidar para a criança negra a beleza das suas características físicas como cor da pele, cabelo crespo, lábios carnudos e nariz largo, fazendo-a gostar de si como é, valorizando sua raça, sua negritude; está diretamente relacionado com o fortalecimento da autoestima dessas crianças.

Massas de crianças negras vão continuar a sofrer de baixa autoestima. E, ainda que sejam motivados a se empenhar ainda mais para alcançar o sucesso, porque desejam superar os sentimentos de inadequação e falta, esses sucessos serão minados pela persistência da baixa autoestima (HOOKS,2019, p.60).

A autoestima das crianças negras nas escolas precisa de diversos estímulos externos para que as crianças se desenvolvam plenamente, felizes e orgulhosos da sua história, da sua ancestralidade, da cultura de seu povo, com referenciais positivos da sua raça, da sua pertença.

Outra maneira que encontrei de auxiliar na melhoria da autoestima das crianças em relação à conscientização, aceitação e valorização da negritude, foi trabalhar com a literatura negra infanto juvenil e mitos africanos. A leitura de livros que abordem o tratamento de questões etnicorraciais para crianças, bem como a

leitura de mitos africanos que falem sobre valores, cultura e ancestralidade africana e afrobrasileira, e uma posterior criação coreográfica a partir dessas leituras, desses estímulos visuais, é de suma importância para o desenvolvimento de um ensino afrocentrado.

Enquanto as pessoas negras forem ensinadas a rejeitar nossa negritude, nossa história e nossa cultura como única maneira de alcançar qualquer grau de autossuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente, então sempre haverá uma crise na identidade negra. (HOOKS,2019, p.60)

Trata-se de reeducar o pensamento, descolonizá-lo, reeducar a criança para que aos poucos, de maneira gradativa ela comece a empoderar-se, a se reconhecer e se orgulhar de sua bagagem ancestral, das suas características físicas, da sua descendência africana, e da sua negritude no caso das crianças negras, e também pensar numa descolonização do pensamento das crianças não negras, que ainda se encontram num lugar de privilégio promovido pelo racismo presente em nossa sociedade, de que não existe um padrão estético de beleza, de superioridade, e nem de raça, pelo contrário; nenhuma raça, se sobrepõe a outra, nenhuma é inferior ou superior à outra, nem deve ser subjugada, discriminada, ridicularizada ou explorada pela outra.

“Em um contexto supremacista branco, “amar a negritude” raramente é uma postura política refletida no dia a dia. Quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora.” (HOOKS,2019, p.47)

É importante também reeducar, descolonizar o pensamento eurocêntrico não só das crianças mas de toda a comunidade escolar, gestão, professores, coordenação, funcionários e mães/pais e/ou responsáveis; para que realmente possamos ter de fato uma educação afrocentrada. Afrocentricidade não é uma versão negra do eurocentrismo (ASANTE,1987). Eurocentrismo está assentado sobre noções de supremacia branca que foram propostas para proteção, privilégio e vantagens da população branca na educação, na economia, política e assim por diante. De modo distinto do eurocentrismo, a afrocentricidade condena a valorização etnocêntrica às custas da degradação das perspectivas de outros grupos (NOGUERA, 2010).

3- Manifestações Culturais Brasileiras Como Instrumento Para Um Ensino Afrocentrado.

3.1 A formação do Brasil e as Manifestações Culturais de Matriz Africana.

A formação do Brasil é marcada pela mistura de três povos os negros, os índios e os brancos, o que nos transformou em um dos países mais miscigenados do mundo. Porém, apesar da forte influência dos povos citados, nossa história ficou marcada pela valorização da cultura eurocêntrica em detrimento da cultura indígena e africana, que durante o processo de colonização do Brasil foi marginalizada, renegada e discriminada. O resultado desse processo histórico é uma desigualdade determinada pela cor da pele, o que conseqüentemente levou a uma desvalorização de tudo que estivesse relacionado ao povo negro e sua cultura.

O etnocentrismo, e o preconceito se mostram evidente no Brasil quando observamos o conteúdo da programação da televisão e das revistas, dos meios de comunicação como um todo, em que excluem ou coloca os negros de uma maneira bem singular, quase não fazendo menção sobre temas ou assuntos vinculados à cultura negra. O que se evidencia é um contraste entre o número de negros em nossa sociedade e sua representatividade. (RIBEIRO, 2012.)

Apesar da evidente influência do povo negro africano na construção das manifestações culturais brasileiras os autores Passos; Nascimento e Nogueira (2016) afirmam que “O modelo de política cultural estabelecido no Brasil ainda tende a legitimar apenas uma pequena parcela da população como produtora de memória, história e cultura”. Para os autores isso é produto de um projeto de nação excludente fundamentado “em teorias raciais, produzido pela elite brasileira entre o século XIX e os anos iniciais do século XX, e que tinha como perspectiva um país branco, “civilizado” e europeu.”

Entretanto, toda essa organização para manutenção de uma hierarquia de uma cultural sobre a outra não conseguiu desvincular da formação cultural do povo brasileiro as fortes influências africanas, e essa influência não ficou apenas em um seguimento, mas se estendeu para vários aspectos culturais, segundo Alves e Cacione (2014):

A contribuição do negro em todos os segmentos da cultura brasileira é incontestável, seja na música, na dança, na culinária, na religiosidade, enfim

2030

toda nossa cultura tem um pedaço da África. A vinda dos africanos, trazidos de vários pontos da África, para viverem como escravos, trouxe também sua cultura, religião, comidas típicas, músicas, vestimentas, etc e contribuiu para que esses elementos fossem inseridos em nosso país.

Não é difícil encontrar em qualquer região do Brasil exemplos de manifestações culturais que são de matrizes africanas, seja na música, na dança, na culinária e na religião. A Fundação Cultural Palmares apresenta em sua página na internet diversas manifestações culturais de matrizes africanas, entre elas: O Afoxé; Os Blocos Afro; Bumba-meu-boi; Cacuriá ; A Capoeira; Carreiros; O Carimbó; A Ciranda; A congada; As Escolas de Samba; Folia de Reis; Frevo; Jongo; Maculelê; Marabaixo; Maracatu; Marujada; Negro fugido; Teatro Experimental do Negro entre tantas outras, como afirma Alves e Cacione (2014)

Observa-se que a cultura africana, não se limita à religião, dança, música, culinária e idioma encontrando-se no Brasil até os dias atuais. Pode-se identificar essa influência nos rituais de Candomblés, Umbanda, nos jogos atléticos como capoeira, bate-coxa e nas danças como, Frevo, Samba, Batuque, Axé, Lambada, entre outros.

O povo brasileiro não tem como negar a grandiosidade da influência dos povos africanos para construção das manifestações culturais brasileiras, conseqüentemente da sua identidade, alguns dos maiores símbolos que representam o Brasil são de matriz africana o Samba, na música ou na dança, o frevo, a capoeira, o Olodum entre tantos outros exemplos.

3.2 Educação Afrocentrada e as Manifestações Culturais de Nazaré- BA.

Ao fazermos um breve levantamento de como ocorreu a colonização do Brasil considerando os aspectos que marginalizou a cultura negra e a formação das manifestações culturais de matriz africana durante esse processo histórico, podemos entender a importância da educação afrocentrada. Não se trata de uma nova experiência etnocêntrica, de uma proposta de superiorizar uma cultura sobre a outra, o que a afrocentricidade coloca em questão é a localização, pois os africanos estão na margem da cultura eurocêntrica, Nogueira (2010)

Em outras palavras, o que é decisivo se encontra na tomada da cultura e história africana como referencial de todas as atividades. É importante frisar que se trata “de uma ideia fundamentalmente perspectivista” (Asante, 2009,

p.96), sem par com qualquer tipo de fundamentalismo, etnocentrismo ou visão fechada.

A partir desta perspectiva é possível reformular os lugares predeterminados, os padrões que foram estabelecidos com base em uma cultura eurocêntrica considerada superior, modelo único e valorizado em relação as outras culturas, e colocar, de acordo com Nogueira (2010):

“As referências africanas como centro”, e no âmbito educacional situar “os povos africanos e a população afrodescendente como agentes e não coadjuvantes”. Assim, reconhecer e abordar as manifestações culturais brasileiras de matriz africana no ambiente escolar por uma perspectiva afrocentrada é um caminho para evitar “a marginalização ou invisibilização de sua própria trajetória histórica e cultural e, por conseguinte, todas as consequências negativas de não se reconhecer no projeto civilizatório e de produção de saberes ao longo da história da humanidade”.

O recôncavo baiano é um grande pólo cultural formado por várias cidades onde surgem diversas manifestações culturais de matriz africana, segundo Santos (2018):

O recôncavo baiano é rico culturalmente, se fossemos escrever todas as manifestações culturais presente neste território certamente levaríamos anos e não caberia nos livros. Isso demonstra o quanto o recôncavo tem um arsenal cultural diverso. O Recôncavo baiano é um território demarcado geograficamente em torno da Baía de Todos-os-Santos. O termo Recôncavo é utilizado para referir-se às cidades próximas à Baía de Todos-os-Santos, limitando-se ao interior, ou seja, isenta-se Salvador, capital do estado, no limite norte.

Um dos maiores símbolos da cultura brasileira nasce no recôncavo baiano, o Samba, Santos (2018) aponta que

O Recôncavo foi o berço do samba de roda, e tem sido o lugar onde, por volta de 1860, teriam surgido as primeiras manifestações do gênero musical, recentemente proclamado como Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

É no recôncavo que se encontra o município de Nazaré-BA, mais conhecida como Nazaré das Farinhas, a justificativa deste nome dado ao popularmente dado município é apresentado por Souza (2016)

Devido à importância do município como produtor de mandioca, a cidade ficou conhecida por “Nazaré das Farinhas”. Seu porto, situado no limite da navegação do rio Jaguaripe, especializou-se como porto farinheiro. Nazaré durante a década de 1950 estava inserida no cenário desenvolvimentista e apresentava juntamente com outros municípios do recôncavo sul baiano a sua relevância enquanto cidade produtora agrícola, especialmente da farinha de mandioca, daí ter recebido o cognome Nazaré “das farinhas”, até hoje popularmente conhecida.

Entretanto o município de Nazaré- BA não ficou apenas conhecido pela farinha que produz, mas também pela Feira de Caxixis a maior manifestação cultural da cidade, a Feira acontece há 300 anos sempre durante o período da Semana Santa. De acordo com a revista anual Caleidoscópio – Outro olhar sobre o lugar (2015)

Essa Feira é indiscutivelmente um palco cultural, pois é possível perceber todas as diversidades encontradas nela, desde as peças vendidas, como os visitantes e também na musicalidade que acontece na noite. A Feira de Caxixis é considerada como um patrimônio imaterial, pois a hereditariedade conservou seu tradicionalismo até os dias atuais, mostrando assim, o costume, a popularidade das peças, bem como nas expressões em cada vaso, boneca ou outra obra constituída na forma de moldar a argila. Tudo isso, a caracterizou como a maior feira de artesanato ao ar livre na América Latina.

Durante a I unidade do ano letivo na disciplina artes da Escola Reunidas Nosso Senhor do Bonfim, localizada no município de Nazaré- BA, uma das propostas de atividade é a realização de uma pesquisa sobre a história da Feira de Caxixis e sua importância para comunidade da cidade.

Na Semana Santa, quando ocorre a Feira, os alunos realizam uma pesquisa de campo entrevistando artistas locais que vendem suas obras de arte durante a Feira, e também os turistas que frequentam a cidade e buscam conhecer essa manifestação cultural, além de registrar a ação dos artistas nas olarias que “são as casas de produção utilizadas pelos oleiros para transformar o barro em Caxixis, em que há sempre um oleiro pronto para contar as suas histórias e mostra o seu trabalho.” Caleidoscópio – Outro olhar sobre o lugar (2015), todo esse material é editado e transformado em um vídeo disponibilizado na página do *YouTube* denominada de “Disciplina Artes”.

O principal objetivo desta atividade é aproximar os alunos de uma das maiores manifestações culturais de sua localidade e que é desenvolvida por artistas predominantemente negros afrodescendentes, reconhecendo a indispensável participação do negro na formação da identidade cultural local e nacional, além de instigar os alunos a conhecer a história e o surgimento desta manifestação e sua importância para manutenção não apenas da tradição, mas da economia da cidade.

Portanto, abordar essa manifestação cultural no ambiente escolar centraliza o papel protagonista do negro na construção desse importante patrimônio cultural que pertence e só existe neste lugar, no município de Nazaré- BA, é fundamental para um outro olhar que colabora para (re) significar a história que foi escrita sobre o processo de formação do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aparecida; CACIONE, Cleusa. **A cultura africana nas manifestações brasileiras: música e dança (samba). Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor Pde Artigos.** Cadernos PDE. Paraná. Volume 1. 2014.

ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUSA, Danilo Santos de, SOUSA, Erahsto Felício de, COSTA Layane Assis, MOREIRA, Rosângela Patrícia de Sousa e SOUZA, Tássio Santana. **Caleidoscópio - Outro olhar sobre o lugar** Revista Anual Editores: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, 2015. Ano I. Disponível em 25 de junho de 2019: http://www.palmares.gov.br/?attachment_id=40427

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação.** Tradução: Stephanie Borges. Edição: Tadeu Breda. Editora Elefante, 2019.

HOOKS, Bell; **A teoria como prática libertadora. In:_____ Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares.** Currículo sem Fronteiras, v. 13, n. 3, p. 427-435, set./dez. 2013

NASCIMENTO, Abdias (org.). **O Negro Revoltado.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NOGUERA, Renato. **Afrocentricidade e Educação: princípios gerais para um currículo afrocentrado.** Revista África e Africanidades, v. III, p. 01-18, 2010.

PASSOS, Joana Célia; Nascimento, Tânia Tomázia; Nogueira, João Carlos. **Patrimônio cultural afro-brasileiro: São José, um estudo de caso.** Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 29. janeiro-abril 2016.

RIBEIRO, Josuel Stenio da Paixão. **A formação do povo brasileiro e suas consequências no âmbito antropológico-** Revista Multidisciplinar. Edição 14. Presidente Prudente: Unisinos, 2012.

SOUZA, Cíntia Maria Luz Pinho de. Possibilidade de pesquisa para a história da Educação na Bahia: arquivos, acervos e fontes encontradas nos Núcleos Regionais de Educação da Bahia: resultado da pesquisa documental da Escola Normal de Nazaré-BA (1934 a 1960) / Cíntia Maria Luz Pinho de Souza. – Salvador, 2016. UNEB.

ⁱ Mestrando em Dança no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança- PRODAN da Universidade Federal da Bahia(UFBA). Licenciado em Dança pela UFBA (2012). Especialista em Ensino de Artes pela Universidade Cândido Mendes -UCAM(2017).Licenciando em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -UNILAB. nilo_ferreirardn@hotmail.com

ⁱⁱ Mestranda em Dança no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança- PRODAN da Universidade Federal da Bahia(UFBA). Licenciada em Dança e em Educação Física pela UFBA. Especialista em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer Escolar pela Faculdade Social da Bahia (FSBA). Professora de Dança no Colégio Módulo (Salvador-BA), professora de artes no município de Nazaré das Farinhas- BA. joceliafreiredancadesalao@gmail.com

ⁱⁱⁱ Mestranda em Dança no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança- PRODAN da Universidade Federal da Bahia(UFBA). Especialista em Arte Educação pelo Instituto Superior de Educação de Afonso Cláudio(ISEAC). Licenciada e bacharel em Dança pela Escola de Dança da UFBA. Vice-diretora e professora de dança da Escola Municipal Comunitária da Histarte. loripa900@hotmail.com